

A expressão do Tempo em textos de História: Mapeamento de recursos sintáticos

Fausto Caeles & Marta Filipe Alexandre
ESECS-Politécnico de Leiria; CELGA-ILTEC/UC

Resumo

Apresenta-se, neste trabalho, um mapeamento de recursos sintáticos empregues para a expressão do tempo, tendo por base um conjunto de cinquenta textos extraídos de manuais escolares de História. Pretende-se contribuir para a caracterização linguística do discurso da Didática da História no Ensino Básico, recorrendo, para o efeito, às categorias sintáticas propostas no Dicionário Terminológico do Ministério da Educação e Ciência, homologado para o sistema educativo português. Segundo se mostra, a categoria gramatical de tempo é expressa por meio de constituintes diversos, com funções sintáticas variadas, que podem ser empregues de forma articulada e iterativa em diferentes níveis hierárquicos da frase. A caracterização linguística proposta visa informar práticas de ensino integradas, que atendam tanto aos conteúdos específicos da História, como aos recursos sintáticos mobilizados na sua transmissão.

Palavras-chave: *Didática da História, Tempo, Recursos Sintáticos, Dicionário terminológico*

Abstract

This paper offers a mapping of syntactic resources used for the expression of time, based on a corpus of fifty texts extracted from History textbooks. It aims to contribute to the linguistic characterization of the discourse of the Didactics of History in Primary Education, employing the syntactic categories proposed in the Terminological Dictionary of the Ministry of Education and Science, approved for the Portuguese educational system. As it is shown, the grammatical category of time is expressed through various constituents with different syntactic functions, often used combinedly and iteratively at different hierarchical levels of the sentence. The linguistic characterization aims to inform integrated teaching practices that attend both to the specific contents of History and to the syntactic resources mobilized in their transmission.

Keywords: *Didactics of History, Time, Syntactic Resources, Terminological Dictionary.*

Introdução

Pretende-se com este trabalho contribuir para a caracterização linguística do discurso da Didática da História do Ensino Básico. Parte-se do pressuposto de que os conteúdos de História são indissociáveis dos recursos linguísticos empregues na sua

transmissão e avaliação, constituindo, pois, a língua e o conteúdo duas faces de uma mesma moeda. Consequentemente, cabe aos alunos não apenas desenvolver conhecimento sobre o passado, mas também adquirir recursos linguísticos que lhes permitam compreender e falar/escrever sobre esse mesmo passado.

As características especificamente linguísticas do discurso da Didática da História encontram-se pouco estudadas em Portugal, embora seja vasto o corpo de pesquisas sobre o papel que a língua desempenha na aprendizagem desta área disciplinar em diversos países anglófonos (cf. Coffin 2006; Martin & Wodak 2003; Rose & Martin 2012), bem como na América Latina (cf. e.g. Moyano 2011, Giudice 2010, para a Argentina; Oteíza 2020 para o Chile; Achugar 2017 para o Uruguai). No nosso país, os estudos sobre o discurso da Didática da História focam, principalmente, os conteúdos, como é o caso da representação da escravatura (cf. Araújo & Maeso 2011, 2017), ou os critérios que orientam a escolha das fontes documentais. Refira-se, a este propósito, o exemplo de Maia (2017), uma pesquisa de fôlego sobre manuais escolares de História de vários países europeus (incluindo seis manuais portugueses), onde são discutidos e explorados vários critérios para a caracterização e avaliação dos manuais, sem que haja qualquer referência direta ou indireta à forma como a língua é usada ou a quaisquer particularidades dos textos que neles se leem e escrevem. Neste sentido, no campo de estudos do discurso da História a forma linguística parece manter-se, de uma forma generalizada, invisível.

O presente trabalho assume, assim, contornos exploratórios e centra-se na identificação, exemplificação e classificação de recursos sintáticos que veiculam informação de natureza temporal, empregues em textos de manuais de História. O enfoque nas categorias sintáticas justifica-se pelo papel fulcral que a frase desempenha, por um lado, na verbalização de conteúdos experenciais (isto é, neste caso, de expressão do conhecimento a respeito do passado) e, por outro, na produção e compreensão de textos mais extensos. O enfoque na categoria semântica de tempo decorre da sua importância na área da História, definida essencialmente como o estudo dos acontecimentos passados. O enfoque nos manuais, por fim, é motivado pelo papel fundamental que desempenham no processo de ensino-aprendizagem.

A caracterização dos recursos linguísticos para a expressão do tempo será feita recorrendo a categorias sintáticas propostas no Dicionário Terminológico (doravante, DT). Disponível para consulta em linha, em <http://dt.dge.mec.pt>, o DT constitui uma ferramenta oficial, homologada para o sistema educativo português, com a assumida função reguladora de termos e conceitos sobre o conhecimento explícito da língua. Considerando que as categorias do DT podem ser aplicadas de forma transversal ao currículo, não se restringindo à disciplina de Português, entende-se que esta ferramenta pode servir de base para a criação de uma metalinguagem que ajude

os professores de História a falar sobre os textos da sua disciplina, seja lendo e analisando textos com alunos, seja dando orientações aos alunos para a escrita dos seus próprios textos.¹

Os padrões sintáticos documentados neste trabalho têm por base a análise linguística de 50 textos retirados de manuais escolares atualmente em uso no Ensino Básico, nas disciplinas de Estudo do Meio, História e Geografia de Portugal e História. O trabalho organiza-se em quatro partes: uma introdução onde se contextualiza o trabalho, uma breve apresentação dos termos linguísticos utilizados, um levamento de recursos gramaticais, organizado por funções sintáticas, e um balanço final, em que se estabelece uma ponte com a prática pedagógica.

Sintaxe, Constituintes da frase e Funções sintáticas

Propomos, nesta secção, uma breve definição dos termos Sintaxe, Constituintes da Frase e Funções sintáticas, seguindo de perto as informações apresentadas no DT. A inclusão desta secção justifica-se pelo facto de poder haver leitores menos familiarizados com as categorias do DT e/ou com uma análise sintática da frase, em geral.

Sintaxe

O termo “Sintaxe” é definido no DT como a “Disciplina da linguística que estuda a forma como as palavras se combinam para formar unidades maiores.” A unidade máxima de análise sintática é a frase, a qual é perspetivada numa visão hierárquica. Deste modo, entende-se que as palavras se combinam para formar grupos e que estes grupos se organizam entre si para formar frases.

Constituintes da frase

Numa análise sintática, a frase é decomposta nos seus elementos constituintes, que recebem o nome de “constituintes da frase” ou “unidades sintáticas”. Os constituintes podem ser formados por uma única palavra. Mais frequentemente, porém, englobam duas ou mais palavras, pelo que são designados também de “grupos de palavras” ou, simplesmente, “grupos”. Todos os grupos compreendem necessariamente um “constituente principal”, também referido como “núcleo”, sem o qual o grupo perderia a sua unidade formal (sintática) e conteudística (semântica). Quando o grupo inclui apenas uma palavra, a mesma coincide necessariamente com o constituinte principal. Quando inclui mais do que uma palavra, o constituinte

¹ Note-se que o conceito de textos escritos se reporta tanto ao corpo de trabalhos mais extensos ou a respostas de desenvolvimento numa prova de avaliação quanto a respostas de extensão mais curta. Ou seja, por texto entende-se qualquer instância de produção escrita que é solicitada aos alunos, independentemente da sua extensão. Acrescente-se ainda que, embora o presente artigo foque apenas o uso da língua na escrita, será igualmente relevante considerar e descrever o uso da língua na oralidade.

principal determina as relações de dependência e de ordem no interior do grupo. É possível identificar cinco tipos de grupos, em função da classe gramatical do constituinte principal, como se ilustra a seguir e conforme a ordem adotada no DT.

Tabela 1: Constituintes da frase e respetivo elemento principal

Constituinte da frase	Elemento principal
Grupo nominal	Nome
Grupo adjetival	Adjetivo
Grupo verbal	Verbo
Grupo preposicional	Preposição
Grupo adverbial	Advérbio

Para o mapeamento dos recursos sintáticos associados à expressão de informação temporal, são diretamente relevantes os grupos nominal, verbal, preposicional e advérbial, que passamos a caracterizar sucintamente. O **grupo nominal** é um grupo de palavras cujo constituinte principal é um nome ou um pronome (o pronome, como o próprio termo indica, é uma palavra que surge “em vez do nome”, como “isto”). O grupo nominal pode ser enriquecido com determinantes, quantificadores, complementos e/ou modificadores.² O **grupo verbal** é formado por um verbo ou um complexo verbal, isto é, uma sequência de verbos que engloba um verbo principal e um ou mais verbos auxiliares. Pode incluir ainda complementos e modificadores, aos quais voltaremos, mais abaixo, aquando da discussão das Funções sintáticas. O **grupo preposicional** é formado necessariamente por um núcleo preposicional e o seu complemento. O núcleo pode consistir numa preposição simples ou numa locução prepositiva, isto é, um conjunto de duas ou mais palavras que atuam como uma preposição. O núcleo do grupo preposicional encontra-se sempre em posição inicial, ao contrário do que se verifica com o núcleo de outros grupos. O complemento exigido por uma preposição pode ser um grupo nominal, um advérbio ou uma oração. O **grupo advérbial** contém sempre um advérbio ou uma locução advérbial, podendo englobar ainda um modificador.

Os cinco grupos acima identificados esgotam os constituintes da frase simples, isto é, das frases que apresentam apenas um único verbo principal e que, portanto, são formadas por uma única oração. A este tipo de frases opõem-se as frases complexas, que contêm mais do que um verbo principal e, por conseguinte, mais do que uma oração. As orações que compõem a frase complexa podem encontrar-se numa relação de coordenação, quando as orações são sintaticamente autónomas, ou de subordinação, quando uma oração depende sintaticamente de outra. No contexto deste estudo, importa, reter sobretudo os conceitos de oração subordinada advérbial e oração subordinada adjetiva. A **oração subordinada advérbial** assemelha-se a um advérbio, na medida em que desempenha a função sintática de modificador da

² Transcede o âmbito do presente trabalho clarificar os elementos não nucleares dos grupos nominais, adjetivais, preposicionais e advérbiais. O seu significado pode ser conferido no DT.

frase ou do grupo verbal (os conceitos de função sintática e modificador são clarificados mais abaixo). A **oração subordinada adjetiva**, por seu turno, desempenha uma função sintática própria de um adjetivo. São usadas recorrentemente nos textos de História as ditas orações subordinadas adjetivas **relativas**, que se associam a um nome e que são introduzidas por um pronome relativo.

Funções sintáticas

A identificação dos constituintes da frase, esboçada no ponto anterior, atende à forma desses constituintes, tomando como referência a classe gramatical do elemento nuclear. Em complemento a esta abordagem formal, importa analisar também o papel desempenhado pelos constituintes na construção da frase. Fala-se, neste caso, em “funções sintáticas”.

O DT identifica quatro funções sintáticas ao nível da frase. Ou seja, ao segmentar uma frase nos seus constituintes imediatos, esses constituintes desempenham necessariamente uma das seguintes funções: sujeito, predicado, modificador de frase ou vocativo, segundo se pode conferir no diagrama reproduzido na Figura 1. No presente trabalho, faremos referência apenas às funções de sujeito e predicado, uma vez que as restantes não são convocadas, nos textos de História analisados, para veicular informação temporal.

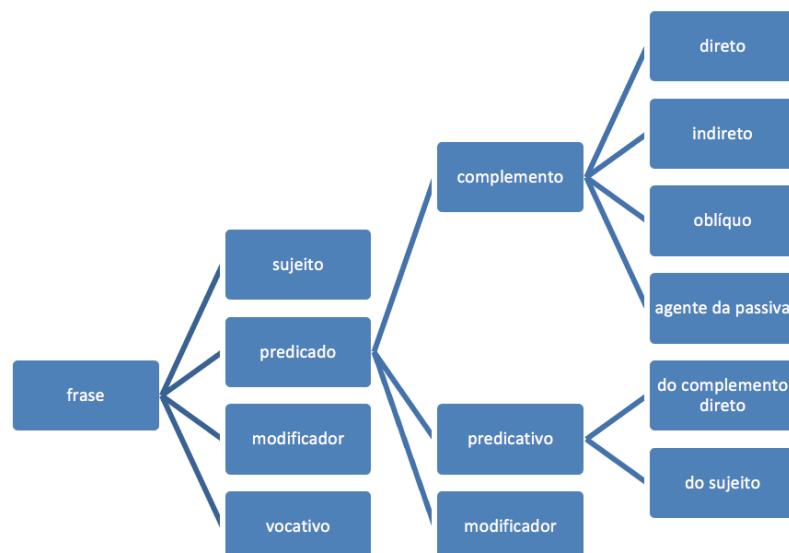


Figura 1: Funções sintáticas ao nível da frase e do predicado

O **sujeito** é a função sintática desempenhada pelo constituinte da frase que controla a concordância verbal. Apenas grupos nominais e orações subordinadas substantivas podem desempenhar a função de sujeito.

O **predicado** corresponde à função sintática desempenhada pelo grupo verbal. Como indicado acima, o grupo verbal pode englobar vários constituintes, com funções sintáticas diferentes. Fala-se, neste caso, em “funções sintáticas internas ao grupo verbal”. O DT identifica três funções a esse nível: complemento, modificador e predicativo. O complemento e o predicativo podem, por sua vez, ser subespecificados, segundo se pode conferir, antes, na Figura 1.

Como veremos na secção seguinte, a informação de tempo nos textos de História concentra-se, sobretudo, nos constituintes com a função de **modificador**. Tais constituintes têm a particularidade sintática de não serem selecionados ou exigidos pelo verbo, o que significa que a sua omissão não compromete a gramaticalidade da frase. Os modificadores podem ter diferentes formas e valores semânticos, como veremos mais abaixo.

Mapeamento de recursos sintáticos mobilizados na expressão do tempo

O tempo é entendido enquanto “categoria gramatical que localiza temporalmente o que é expresso numa predicação” (DT) e o seu estudo pode fazer-se em diferentes áreas ou disciplinas da Linguística, sejam a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica ou a Lexicologia. O presente trabalho, como já referido, segue uma abordagem essencialmente sintática. A pergunta subjacente à análise pode, pois, ser formulada como: *Que elementos da frase veiculam informação temporal?*³ Assim, nas secções seguintes, propomo-nos identificar e exemplificar os diferentes recursos frásicos que, nos textos de História analisados, veiculam informação temporal, distinguindo entre a sua função sintática, por um lado, e a sua forma (tipo de grupo e/ou oração subordinada), por outro.

Informação temporal veiculada pelo sujeito

Os constituintes com a função de sujeito raramente veiculam informação de natureza temporal. Semanticamente, o sujeito tende a representar participantes na situação ou no evento descrito pelo verbo. Em frases de cariz mais abstrato, porém, o sujeito pode também introduzir uma data, um acontecimento, um período, um documento ou um estado de coisas temporalmente demarcado sobre o qual se predica algo. Seguem-se algumas frases ilustrativas; encontrando-se os constituintes com a função de sujeito destacados com um fundo de cor cinzenta.

1. O final da guerra originou grandes manifestações em Lisboa – muitos esperavam que o regime fosse derrubado. (M5, p. 170)
2. O seu curto reinado ficou marcado pela instabilidade social e política e pelo crescente número de pessoas que apoiavam os republicanos. (M8, p. 51)
3. Terminavam assim quase oito séculos de Monarquia em Portugal. (M8, p. 51)

³ O foco da pergunta incide, pois, sobre a identificação da forma e não tanto sobre a compreensão da natureza exata da informação temporal, o que pressuporia, por exemplo, uma abordagem de cariz mais semântico.

4. As invasões francesas, a Revolução Liberal de 1820 e a guerra civil (1832 – 1834) provocaram uma grande instabilidade política, social e militar em Portugal. (M7, p. 197)

Informação de tempo veiculada pelo verbo

Como indicado na secção anterior, a função de predicado é desempenhada pelo grupo verbal, o qual contém obrigatoriamente um verbo ou um complexo verbal e, eventualmente, outros constituintes com as suas respetivas funções. A informação temporal a nível do constituinte nuclear é abordada no presente ponto; a informação contida nos restantes constituintes, nos seguintes.

O verbo e o complexo verbal constituem recursos linguísticos fundamentais para a expressão do tempo. Destaca-se, em particular, a informação veiculada ao nível da flexão verbal. Os textos analisados socorrem-se de (pelo menos) três paradigmas para reconstruir o passado: pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito.

Segue-se uma breve distinção entre os usos destes três paradigmas, acompanhada de exemplos. Serão focados apenas verbos simples, embora, como se alerta no DT, alguns dos paradigmas possam ser também compostos.

O pretérito perfeito é utilizado para relatar acontecimentos passados. O pretérito imperfeito serve para descrever estados. O pretérito mais-que-perfeito é usado para relatar acontecimentos anteriores a outros acontecimentos. Na tabela abaixo ilustra-se o uso destes paradigmas verbais; encontrando-se as formas verbais destacadas a cor cinzenta.

Tabela 2: Exemplos de diferentes tipos de pretérito

Perfeito	Imperfeito	Mais-que-perfeito
5. (...) a produção diminui e os senhores aumentaram os impostos para manterem os seus privilégios. Surgiram, então, revoltas de camponeses em vários reinos europeus contra os nobres, às quais por vezes se juntou o povo das cidades contra os burgueses. (M3, p. 117)	6. Nesse regime de ditadura, que durou 48 anos (de 1926 a 1974), não havia liberdade para os Portugueses: proibiram-se os partidos políticos; as pessoas não podiam escrever ou dizer o que pensavam, sendo perseguidas pela polícia política (PIDE), os cidadãos não se podiam reunir livremente, (...) (M4, p. 67)	7. Estas tropas, chefiadas pelo capitão Salgueiro Maia, cercaram o quartel do Carmo, onde se tinha refugiado Marcelo Caetano. Este rendeu-se perante o general António de Spínola, que mais tarde veio a ser Presidente da República. (M8, p. 54)

Os exemplos 6 e 7, embora curtos, incluem várias formas verbais com o mesmo tipo de pretérito e, como tal, permitem observar o seu uso reiterado. No caso de 6, as quatro formas verbais expressam acontecimentos passados, mas não se pode depreender nem que todos se passaram no mesmo momento do passado nem que se seguiram uns aos outros. No caso de 7, as quatro formas verbais descrevem estados que, neste excerto, se situam num mesmo momento do tempo. Quanto a 8, a única forma verbal de mais-que-perfeito aponta para um acontecimento que, de facto, ocorreu antes do acontecimento expresso pelo pretérito perfeito (“cercaram”). Trata-se, pois, de exemplos que comprovam a definição apontada no DT. Todavia, no mesmo dicionário, chama-se a atenção para o facto de não haver sempre uma correspondência perfeita entre o uso de um dado paradigma e os valores semânticos tipicamente a ele associados. Uma exceção, por exemplo, é o presente histórico, que remete para eventos passados, embora o verbo esteja conjugado no presente.

Além da informação contida na conjugação verbal, os verbos podem ainda transmitir informação temporal ao nível do seu radical. Ou seja, o verbo pode veicular informação temporal lexicalmente. Incluem-se, nesta categoria, verbos que dão conta de uma organização cíclica do tempo, como: *iniciar*, *entrar*, *começar*, *terminar*, *finalizar*, *sair*, *concluir*. Note-se que estes mesmos valores podem também ser realizados por meio de expressões verbais fixas, como: *dar início*, *ter início*, *por fim*, *por termo*. Seguem-se alguns exemplos do *corpus*:

8. A maioria da nobreza e o clero apoia D. Beatriz como rainha, enquanto o povo e alguns nobres pretendiam nomear para rei D. João, Mestre de Avis, meio irmão de D. Fernando e filho ilegítimo de D. Pedro. D. Leonor pediu ajuda ao rei de Castela e teve assim início a crise de 1383-1385, que deu origem a uma guerra entre Portugal e Castela. (M8, p. 42)
9. A partir do século III, o Império Romano entrou numa grave crise, que se prolongou até ao ano 476, quando foi deposto o último imperador. (M9, p.92)
10. A guerra terminou com a vitória cartista, em junho de 1847. (M7, p. 197)

Nesta mesma categoria incluem-se ainda os verbos que expressam duração temporal, como: *continuar*, *demorar*, *renovar*, *permanecer*, *manter*, *prolongar*. Alguns exemplos são apresentados de seguida:

11. Nesse mesmo ano deu-se a conquista de Lisboa, cujo cerco demorou cerca de 4 meses e teve a ajuda de uma armada de cruzados. (M8, p. 39)
12. Após a morte de D. Afonso Henriques (1185), os seus sucessores (D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e D. Afonso III) continuaram a lutar contra os mouros, alargando as fronteiras do reino de Portugal com a ajuda de homens do clero que pertenciam às ordens religiosas militares. (M10, p. 62)
13. Essa instabilidade manteve-se durante o reinado de D. Maria II (1834-1853). (M7, p. 197)

Os seis exemplos de uso de verbos com significado lexical associado ao tempo ilustram mais um aspecto laborioso da leitura e interpretação dos textos: a informação acerca do tempo em que se situam e duram (ou não) os acontecimentos encontra-se no próprio significado do verbo. Considerando a diversidade deste tipo de verbos e as nuances de significado a eles associadas, a sua identificação em contexto pedagógico revela-se fundamental.

Informação de tempo veiculada pelo complemento do grupo verbal

Tal como se verificou anteriormente para o sujeito, os constituintes com a função de complemento raramente incidem especificamente sobre conteúdos temporais. A principal função semântica dos complementos consiste em identificar o beneficiário ou destinatário das ações expressas pelo verbo, os quais correspondem, frequentemente, a participantes diretos nessas ações. Assim sucede, por exemplo, com o complemento “os mouros” na frase: “Em 1249, D. Afonso III expulsou os mouros de Portugal”.

Nos textos de História, existem, contudo, casos excepcionais em que o complemento expressa tempo. Tais complementos ocorrem com verbos cujo significado seria incompleto sem a indicação de um intervalo ou de uma meta temporal. Assim, sucede, por exemplo, com verbos que expressam duração, como se pode verificar na frase seguinte.

14. (...) as lutas contra Espanha duraram quase 28 anos. (M8, p. 48)

Em 14, o grupo nominal “quase 28 anos” desempenha a função de complemento direto.

Informação de tempo veiculada pelo modificador de grupo verbal

Verifica-se, nos textos do *corpus*, uma concentração de informação temporal nos constituintes com a função de modificador. Esta constatação era previsível, considerando que os modificadores do grupo verbal são os constituintes que contribuem para o significado desse grupo, “quantificando, qualificando ou localizando (temporal ou espacialmente) a situação que se descreve, mas não representam participantes na situação ou no evento descrito pelo verbo.” (Raposo et al. (orgs.), 2013, p. 1161).

Como referido acima, em Sintaxe não se distingue entre diferentes tipos de modificadores, uma vez que todos partilham a mesma característica sintática: o facto de não serem selecionados pelo verbo. Posto isto, é necessário ter presente que o modificador pode apresentar diferentes valores semânticos (por ex. lugar, tempo, modo). Compare-se, nesse sentido, os dois constituintes assinalados na frase

abaixo, ambos desempenhando a mesma função de modificador. Enquanto o primeiro modificador (“em 1228”) transmite um valor semântico de tempo, o segundo (“na batalha de São Mamede”) assume um valor de lugar.

15. Em 1128, D. Afonso Henriques enfrentou as tropas de sua mãe na batalha de São Mamede. (M8, p. 38)

Para efeitos do presente trabalho, interessam-nos apenas os modificadores com o valor semântico de tempo. De um ponto de vista estrutural, é importante compreender que estes modificadores podem ser expressos por meio de diferentes estruturas gramaticais, a saber: grupo adverbial, grupo preposicional e oração subordinada adverbial temporal, conforme passamos a ilustrar.

Grupo adverbial

Os grupos adverbiais que veiculam informação temporal podem constituir-se apenas por um advérbio (cf. 16, 17) ou por um advérbio e outros elementos associados (cf. 18).

16. Finalmente, com a ajuda dos Ingleses, os Franceses foram expulsos de Portugal. (M4, p. 64)
17. Como D. Sebastião tinha apenas três anos, a regência do reino ficou a cargo, primeiro, da sua avó, D. Catarina e, depois, do cardeal D. Henrique, seu tio-avô. (M3, p. 170)
18. No entanto, este só foi reconhecido como rei pelo Papa 36 anos mais tarde, em 1179. (M8, p. 38)

Grupo preposicional

A identificação de grupos preposicionais com um valor temporal corresponde a um exercício analítico relativamente fácil, sabendo que: 1) a preposição se encontra sempre no início do grupo, 2) a língua portuguesa dispõe de um leque limitado de preposições e 3) apenas algumas dessas preposições podem associar-se a informação temporal. Destacam-se as preposições: *a, ante, após, até, com, de, desde, durante, em, entre, para, por*. Confira-se alguns exemplos do *corpus*:

19. Em 1844, dá-se a primeira demonstração do telégrafo (C) por Samuel Morse, nos Estados Unidos da América. (M2, p. 121)
20. Com o passar dos anos, os povos aprenderam a cultivar os campos e a criar animais. (M8, p. 33)
21. Após a conquista da Península Ibérica, viveu-se um período de paz que durou 400 anos. (M8, p. 35)
22. A 14 de agosto de 1385 deu-se a batalha de Aljubarrota, tendo saído vencedoras as tropas portuguesas sob o comando de D. Nuno Álvares Pereira. (M8, p. 42)
23. Até aos dias de hoje, o telefone sofreu vários melhoramentos. (M2, p. 121)
24. Durante a viagem, houve um desvio para oeste e os Portugueses descobriram o Brasil, tendo chegado a Porto Seguro. (M4, p. 58)

A esta lista é necessário juntar as locuções prepositivas que têm (ou podem ter) um valor temporal: *antes de, depois de, a partir de, por volta de, cerca de, perto de, aquando de*, bem como locuções com dois elementos, como: *de... a... ou entre ... e ...*. Exemplos ilustrativos de grupos preposicionais com tais locuções incluem:

25. A partir do século VIII a.C., chegaram à Península Ibérica outros povos vindos do mar Mediterrâneo para fazerem comércio. (M8, p. 33)
26. Depois da invasão árabe, alguns Cristãos, importantes proprietários de terras, refugiaram-se nas montanhas das Astúrias, tendo, depois, iniciado a luta contra os Muçulmanos. (M4, p. 46)
27. Aquando da morte de D. Fernando, a sua viúva, D. Leonor Teles, ficou a dirigir o reino e mandou aclamar D. Beatriz como rainha de Portugal, o que causou preocupação a uma parte da população. (M4, p. 46)
28. Entre 1933 e 1945, Hitler governou a Alemanha em regime de ditadura. (M1, p. 98)

Mostrámos, até ao momento, grupos preposicionais em que o constituinte principal se combina com um grupo nominal. Todavia, o complemento desse constituinte pode também consistir numa oração não finita, isto é, uma oração que apresenta um verbo principal numa forma não flexionada. Veja-se três exemplos desta estruturação.

29. Depois de conquistar Lisboa, D. Afonso Henriques mandou construir vários castelos ao longo do rio Tejo. (M8, p. 39)
30. Após se apoderar de Lisboa, D. Afonso Henriques conquistou terras a sul do rio Tejo, como Palmela, Alcácer do Sal, Évora e Beja. (M10, p. 62)
31. Na verdade, em fevereiro de 1933, após ter sido nomeado chanceler, aproveitou o incêndio do parlamento – propósitamente atribuído aos comunistas – e suspendeu as liberdades estabelecidas na Constituição. (M1, p. 98)

Oração subordinada adverbial temporal

O modificador com valor temporal pode adicionalmente ser expresso por meio de uma oração subordinada adverbial temporal. Tal oração estabelece a referência temporal em relação à qual a oração principal da frase é interpretada. Inicia-se com uma conjunção (ou locução) temporal como: *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que (desde que)*. Não sendo muito comuns no *corpus*, encontram-se, ainda assim, algumas orações adverbiais temporais, com destaque para o uso da conjunção “quando”. Seguem-se exemplos ilustrativos:

32. Quando o rei de Castela recebeu esta notícia, invadiu de novo Portugal. (M8, p. 42)

33. À medida que se alargava o território, alguns reis preocuparam-se em povoar regiões onde havia poucos habitantes. (M4, p. 49)
34. Há cerca de 6000 anos, chegaram à Península Ibérica, vindos do norte de África, os Iberos e, séculos mais tarde, da Europa Central, os Celtas. (M8, p. 33)

Particularidades dos modificadores

A multiplicidade de formas que assegura a função de modificador do grupo verbal com valor de tempo numa dada frase combina-se com duas particularidades dos constituintes com esta função. Por um lado, este tipo modificador revela grande flexibilidade sintática, podendo surgir em qualquer posição da frase, desde que não clivando outros constituintes. Por outro lado, este tipo de modificador pode coexistir numa mesma frase, sob diversas formas e veiculando diferentes informações.

Os três exemplos que se seguem ilustram a primeira particularidade: vê-se um grupo preposicional com estrutura muito semelhante (preposição + data) em três posições diferentes na frase (início, meio e fim).

35. Em 1831, D. Pedro abdicou do trono brasileiro em favor de seu filho, D. Pedro, e veio para a Europa. (M6, p. 51)
36. Ocorreram, entretanto, em 1834, as batalhas de Almôster e Asseiceira, ganhas pelos liberais. (M6, p. 51)
37. D. Miguel assinou, então, a paz na Convenção de Evoramonte, em 1834. (M6, p. 51)

A segunda particularidade manifesta-se de diferentes formas. Uma situação frequente é a dupla localização temporal do evento em foco na oração principal. A frase inclui, assim, dois modificadores: um contendo a data do calendário e o outro expressando um acontecimento ou um período histórico – assim se pode conferir nos exemplos 38-41, abaixo. Note-se que as duas informações temporais podem não coincidir exatamente, indicando-se, por um lado, uma porção temporal mais genérica e, por outro, uma porção temporal mais específica, incluída dentro dessa primeira porção.

38. No final do século XIX, durante o reinado de D. Carlos eram cada vez mais os que defendiam uma mudança de regime. (M7, p. 51)
39. Quando D. Afonso Henriques morreu, em 1185, os mouros já tinham recuperado algumas das terras, a sul do rio Tejo. (M10, p. 62)
40. No reinado de D. José I, a 1 de novembro de 1755, o país foi abalado por um violento terramoto que se sentiu com grande intensidade em Lisboa. (M7, p. 48)
41. No mês seguinte, após a realização de eleições, conseguiu a maioria parlamentar e, logo de seguida, proibiu os partidos políticos e os sindicatos. (M1, p.98)

42. Em 1557, quando D. João III morreu, sucedeu-lhe o neto, D. Sebastião, uma vez que o pai deste já tinha morrido. (M3, p. 170)

Em suma, a leitura dos vários exemplos apresentados (ex. 16-42) ilustra, assim, um vasto conjunto de desafios envolvidos na identificação e delimitação do significado do tempo, quando este se encontra expresso por um modificador de grupo verbal.

Constituintes no interior de outros constituintes

Identificamos, nas secções anteriores, os constituintes da frase que veiculam – ou podem veicular – informação temporal, detalhando quer a sua função sintática, quer a sua realização estrutural.⁴ Dada a sua abrangência, esse mapeamento carece de alguns esclarecimentos adicionais.

Nos vários exemplos até agora apresentados, a informação temporal é expressa por meio de um constituinte principal ou imediato, sendo que se entende por “principal ou imediato” um constituinte que desempenha uma função sintática ao nível da frase (por ex. sujeito) ou ao nível do predicado (por ex. modificador). Todavia, a par desta possibilidade, mais óbvia, as frases podem também conter informações temporais num nível sintático mais profundo. Nesses casos, o tempo é expresso por meio de constituintes alojados no interior de um constituinte principal. Embora o constituinte principal não tenha, em si mesmo, um enfoque temporal, ele incluirá, assim, entre vários outros elementos, um constituinte com conteúdo temporal.

Esta situação verifica-se sobretudo – mas não exclusivamente – em frases que incluem orações subordinadas relativas. Tais orações têm por função enriquecer semanticamente nomes, atribuindo-lhes propriedades adicionais. Um exemplo ajuda a ilustrar esta realidade:

43. (...) o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, que já tinha sido re-
gente entre 1652 e 1568. (M3, p. 170)

A oração relativa, que se encontra sublinhada, modifica a entidade que a antecede, identificada como “o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique”. Em conjunto, o antecedente e a oração relativa formam um grupo nominal. Como qualquer outra oração,

⁴ Não foi explorado, nas secções anteriores, o fenómeno da coordenação de orações, por se considerar menos relevante para o mapeamento dos recursos sintáticos associados ao tempo. O mesmo não impede que possa estabelecer-se uma relação temporal por meio da coordenação de orações. No entanto, a tipologia das orações coordenadas não inclui nenhum tipo específico associado ao tempo. A relação temporal pode ser implícita ou ser expressa por meio de um grupo adverbial, como sucede, por exemplo, em “As tropas castelhanas ocuparam Santarém e, mais tarde, cercaram Lisboa”. De um ponto de vista sintático, porém, o grupo adverbial “mais tarde” constitui um modificador do grupo verbal da segunda oração. Trata-se, por outras palavras, de um constituinte idêntico àquele que foi identificado na frase simples exemplificada em 19, não sendo, portanto, nem exclusivo nem característico da coordenação.

também a oração relativa pode ser analisada sintaticamente, à luz dos seus constituintes e respetivas funções sintáticas. O exemplo em questão inclui, assim, o modificador “entre 1652 e 1658”.

Repare-se que o modificador integra uma oração relativa, que, por sua vez, integra o grupo nominal. Este grupo nominal, por seu turno, funciona como um constituinte de uma frase mais ampla, desempenhando, mais especificamente, a função de sujeito nessa frase, conforme pode ver na reprodução da frase completa, em 44.

44. Após a morte de D. Sebastião, subiu ao trono [o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, que já tinha sido regente entre 1652 e 1568]. (M3, p. 170)

Ainda em 44, pode notar-se a presença de outro constituinte com informação temporal, no início da frase. Ao contrário do constituinte “entre 1652 e 1658”, que se encontra “soterrado” num grupo nominal (que se encontra delimitado por parênteses retos), este modificador consiste num constituinte principal ou imediato da frase.

O uso de orações relativas, enquanto recurso empregue na condensação sintática de informação, é abundante nos textos de História. Veja-se dois outros exemplos de frases em que um dos constituintes principais (delimitado por parênteses retos) contém uma oração relativa, a qual inclui um modificador com o valor semântico de tempo:

45. Nos Açores, organizou [um exército liberal que, em 1832, desembarcou em Pampelido, próximo do Porto]. (M6, p. 51)
46. A sua entrada na Península Ibérica foi dificultada [pelos Lusitanos, um dos povos que habitava na região entre o rio Tejo e o rio Douro, e que lutou durante 200 anos para defender os seus costumes]. (M8, p. 35)
47. Esta assentava [em três instituições principais – os Comícios, as Magistraturas e o Senado –, que, como veremos, foram incorporadas e transformadas, a partir de 27 a. C., sob um novo regime político – o império]. (M9, p. 80)

Balanço

Propôs-se, neste trabalho, um levantamento de recursos sintáticos associados à expressão do tempo em textos de História, recorrendo às categorias gramaticais propostas no Dicionário Terminológico do Ministério da Educação e Ciência. O levantamento teve por base um *corpus* de 50 textos, retirados de manuais de Estudo do Meio, História e Geografia de Portugal e História do Ensino Básico.

Como se mostrou, a categoria tempo pode ser expressa de formas diversas, como a flexão verbal ou o uso de grupos adverbiais, grupos preposicionais e orações subordinadas temporais. No que respeita às funções sintáticas, a informação de tempo concentra-se, sobretudo, em constituintes com a função de modificador do grupo verbal. Tais modificadores exibem grande flexibilidade sintática, podendo surgir em diferentes posições da frase. Têm também uma natureza iterativa, o que significa

que uma mesma frase pode exibir mais do que um modificador com valor semântico de tempo, os quais podem, ou não, operar de forma articulada. Demonstrou-se, ainda, que informação de tempo é – ou pode ser – veiculada a vários níveis sintáticos, seja por via de constituintes principais da frase, seja por via de constituintes integrados em constituintes principais. As várias estratégias sintáticas surgem frequentemente entrosadas nas frases dos textos. Veja-se, a este propósito, um último exemplo, particularmente rico em informação temporal:

48. A partir do século III, o Império Romano entrou numa grave crise, que se prolongou até ao ano 476, quando foi deposto o último imperador. (M9, p. 92)

Em termos dos constituintes principais, a frase 48 acumula informação de tempo na flexão verbal, no conteúdo lexical do verbo “entrar” e no modificador do grupo verbal “a partir do século III”. O constituinte com a função de modificador (“numa grave crise, que se prolongou até ao ano 476, quando foi deposto o último imperador”) inclui, adicionalmente, uma oração relativa onde se acumula informação de tempo: na flexão verbal, no conteúdo lexical do verbo “prolongar”, no complemento “até ao ano 476” e no modificador do grupo verbal “quando foi deposto o último imperador”.

Naturalmente, o estudo aqui apresentado não traz, nem visa trazer, novidades ao estudo da expressão gramatical do tempo. O seu carácter inovador consiste na aplicação de tal conhecimento ao campo da Didática da História, trabalho que – tanto quanto é do nosso conhecimento – não foi realizado até à data em Portugal. Por conseguinte, a caracterização dos recursos sintáticos não constitui um fim em si mesmo, antes constitui (ou esperamos que possa constituir) a base para intervenções didáticas que ajudem os alunos na compreensão e expressão linguística do tempo em História.

A diversidade de recursos linguísticos envolvidos e as suas particularidades sintáticas, conforme procuramos evidenciar neste trabalho, são justificação suficiente para que a realidade linguística se torne mais visível no trabalho com os textos da História. Seja em tarefas de leitura e interpretação, seja em tarefas de produção escrita, os recursos linguísticos são uma parte integrante e indissociável do conhecimento sobre a História e que, portanto, merece atenção.

Referências bibliográficas

- Achugar, M. (2017). Critical discourse analysis and history. In J. Flowerdew & J. E. Richardson (eds.), *The Routledge Handbook of Critical Discourse Studies*, pp. 298-311. London: Routledge.
- Achugar, M. & Schleppegrell, M. (2016). Reflection literacy and the teaching of History. In Boucher, W. L. & J. Y. Liang (eds.), *Society in Language, Language in Society*, pp. 357-378. London: Palgrave Macmillan.

- Araújo, M. & Maeso, S. R. (2011). A Institucionalização do Silêncio: A escravatura nos manuais de história portugueses. Revista Ensino Superior, jan-fev-março 2011. (Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/42622/1/A%20institucionaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20sil%C3%A3o%20a%C3%A9scravatura%20nos%20manuais%20de%20hist%C3%B3ria%20portugueses.pdf> Consulta 1/04/2021)
- Araújo, M. & Maeso, S. R. (2013). *'Raça' e África em Portugal: um estudo sobre manuais escolares de história*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. (Disponível em: http://www.ces.uc.pt/projetos/rap/media/RAP_brochura_final.pdf Consulta 1/04/2021)
- Araújo, N. (2017). *Os Manuais escolares de História: Preferências e Perspetivas Futuras*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/105533/2/201502.pdf> (Consulta 1/4/2021)
- Coffin, C. (2006). *Historical Discourse – The Language of Time, Cause and Evaluation*. London, New York: Continuum.
- Giudice, J. (2010). El periodo de 1976-1983 em manuales de Ciencias Sociales argentinos: um abordaje desde la teoría del género de la Escuela de Sydney. In *Actas IV Congreso Internacional "Transformaciones culturales. Debates de la teoría, la crítica y la lingüística en el Bicentenario*. Dto. de Letras, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 22 al 27 de noviembre e 2010.
- Maia, C. (2010). *Guerra Fria e Manuais Escolares – Distanciamentos e Aproximações – Um retrato em duas décadas de Manuais Escolares Europeus (1980-2000)*. Tese de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53894> (Consulta 1/4/2021)
- Martin, J. R. & R. Wodak (eds.) (2003). *Re/reading the past - Critical and functional perspectives on time and value*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Moyano, E. (2011). La lengua como contenido escolar transversal: El rol del lenguaje en el aprendizaje de las ciencias y las humanidades. In Rinesi, E. & Molina, C. (coord.) *Testimonios, documentos y conversaciones. Encuentros de Bibliotecas. 2001-2010*, pp. 103-118. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento.
- Oteíza, T. (2020). Language resources to negotiate official and alternative memories of human rights violations in Chilean history: A study on classroom interactions. *Historical Encounters*. 7(2), 26-49.
- Oteíza, T. (2019). Historical events and processes in the discourse of disciplinary history and classroom interaction. In Mackenzie, J. L. e Juez, L. A. (eds.) (2019). *Emotions in Discourse*, pp. 177-207. Amsterdam: John Benjamins.
- Raposo, E. P. et al. (orgs.) (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rose, D. & J. R. Martin (2012). *Learning to Write, Reading to Learn*. Sheffield, Bristol: Equinox.

Manuais⁵

- Barreira, A., Moreira, M. & Rodrigues, T. (2015). *Páginas da História – História – 9.º Ano*. Vila Nova de Gaia: Edições Asa. (Referido como M1)
- Letra, C. & Afreixo, A. M. (2012). *Carochinha – Estudo do Meio – 3.º ano*. Alfragide: Gailivro. (Referido como M2)

⁵ Identificam-se apenas os manuais referenciados, constituindo um subconjunto dos manuais analisados.

- Matias, A., Oliveira, A. R. & Cantanhede, F. (2016). *Novo HGP 5 – História e Geografia de Portugal – 5.º Ano*. Alfragide: Texto Editora. (Referido como M3)
- Neto, F. P. (2013). *Despertar – Estudo do Meio – 4.º ano*. Maia: Edições Livro Directo. (Referido como M4)
- Neto, H., Santos, L. A., Cruz, T., Santos, L. A. & Neto, J. (2015). *Desafios – História – 9.º Ano*. Lisboa: Santillana. (Referido como M5)
- Oliveira, A. R. & Cantanhede, F. (2015). *Novo HGP – História e Geografia de Portugal – 6.º Ano*. Alfragide: Texto Editora. (Referido como M6)
- Oliveira, A. R., Catarino, I., Cantanhede, F., Gago, M. & Torrão, P. (2014). *O Fio Da História – História – 8.º ano*. Alfragide: Texto Editora. (Referido como M7)
- Pires, P. & Gonçalves, H. (2013). *A Grande Aventura – Estudo do Meio – 4.º ano*. Alfragide: Texto Editora. (Referido como M8)
- Santos, L. A., Santos, L. A., Neto, J. & Neto, H. (2014). *Desafios – História – 7.º ano*. Lisboa: Santillana. (Referido como M9)
- Sousa, L., Soares, L. & Albino, M. (2016). *Máquina do Tempo – História e Geografia de Portugal – 5.º Ano*. Vila Nova de Gaia: Edições Asa. (Referido como M10)